



	IPCA do IBGE (em %)
Agosto/2008	0,28
Setembro/2008	0,26
Outubro/2008	0,45
Novembro/2008	0,36
Dezembro/2008	0,28

BOLHA GLOBAL

A fim de conter desaceleração da economia, governo amplia e fortalece programa de obras de infraestrutura. Investimento totalizará R\$ 1,1 trilhão até 2010, ano da eleição presidencial

R\$ 446 bi contra crise

VICENTE NUNES,
EDNA SIMÃO E
DANIEL PEREIRA
DA EQUIPE DO CORREIO

Ciente de que o Brasil mergulhou em uma recessão técnica — com queda por dois trimestres consecutivos do PIB —, o governo decidiu transformar o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em um programa anticrise para tentar salvar 2009 e garantir um crescimento razoável em 2010, ano da eleição presidencial. Numa jogada de marketing, já que ninguém acredita na capacidade do governo de cumprir todas as suas promessas, dado o desempenho do PAC até aqui, a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, anunciou ontem que o volume de investimentos previstos no programa aumentou 65,6%, passando dos R\$ 693,1 bilhões anunciados em 2007, para R\$ 1,148 trilhão, e se estenderá para além de 2010, conforme antecipou o Correio.

Desse novo montante, há o compromisso de desembolso de R\$ 446 bilhões — o PAC anticrise — neste ano e no próximo. A quantia se refere à soma dos R\$ 303,9 bilhões do programa original, previstos para serem gastos entre 2007 e 2010, mas que não saíram do papel, com os R\$ 142,1 bilhões adicionados no programa ampliado. O governo acredita que, se boa parte desse dinheiro efetivamente chegar à economia, conseguirá suprir parcialmente a retração provocada pela falta de demanda externa. Como os principais consumidores dos produtos brasileiros, os EUA e a Europa, estão em recessão, a aposta é de que as obras do PAC sustentem o mercado interno e, principalmente, absorvam parte dos trabalhadores dispensados, sobretudo, pela indústria.

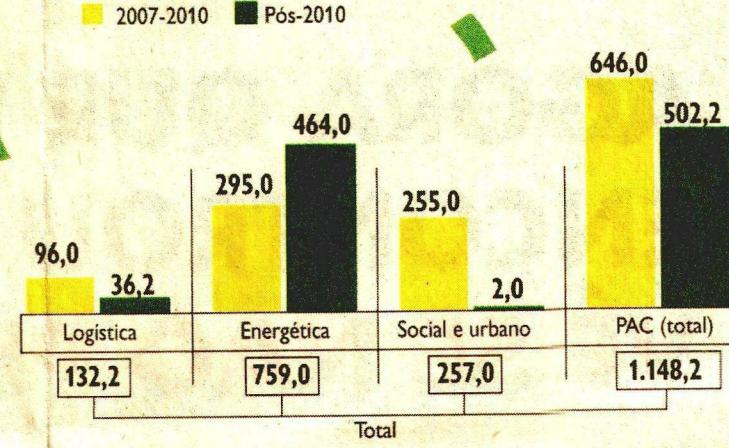
Antevendo as críticas e o ceticismo em relação ao "PAC bombado", Dilma iniciou a sua exposição sobre os dois anos do programa negando que ele seja uma obra de marketing. "O PAC não é um produto do papel nem uma peça de marketing. As novas obras evidenciam que o PAC é de carne e ossos dos trabalhadores, dos empresários, de concreto e aço", afirmou. Segundo a ministra, o governo está convencido de que, com a ampliação do programa, o Brasil terá condições de continuar crescendo, ainda que em um ritmo menor do que o verificado antes da crise internacional (entre 5% e 6%). Por isso, não haverá cortes de verbas do PAC, apesar do contingenciamento de R\$ 37,2 bilhões do Orçamento da União de 2009.



INVESTIMENTO TURBINADO

Balanço de dois anos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) ganha novas obras e inclui R\$ 1,148 trilhão em recursos

Em R\$ bilhões



ALGUMAS OBRAS E AMPLIAÇÕES

Setor	Projeto	Investimentos (R\$)
Rodovias	Duplicação e melhoramento Contorno de Fortaleza (BR-020/CE)	141 milhões
	Duplicação Caruaru-Santa Cruz do Capibaribe (PE)	248 milhões
	Duplicação Eldorado do Sul-Pantano Grande (RS)	208 milhões
	Construção e pavimentação da entrada BR-364 (RO)	175 milhões
	Construção da entrada BR-163 (divisa estados de MS/GO)	205 milhões
Concessão de rodovias	BR-040: trecho Brasília/DF-Juiz de Fora/MG	3 bilhões
	BR-116: divisa BA/MG e Divisa de MG/RJ	3,6 bilhões
	BR-381: entroncamento MG-020-Governador Valadares	2 bilhões
Ferrovias	Trecho Sul da Ferrovia Norte Sul: Palmas/TO-Estrela do Oeste/SP	5,2 bilhões
	Trem de Alta Velocidade: Rio/São Paulo/Campinas	US\$ 11 bilhões
Concessão de rodovias	BR-040: trecho Brasília/DF-Juiz de Fora/MG	3 bilhões
	BR-116: divisa BA/MG e Divisa de MG/RJ	3,6 bilhões
	BR-381: entroncamento MG-020-Governador Valadares	2 bilhões
Hidrovias	Hidrovía do Tocantins	140 milhões
Aeroportos	Aeroporto de Viracopos (SP)	161 milhões
Petróleo e Gás Natural	28 sondas de perfuração para águas profundas	38,2 bilhões
	Projeto Piloto de Guará — Pré-sal	9,5 bilhões
	Piloto de Produção Tupi — Pré-sal	9,3 bilhões
	Teste de longa duração de Tupi — Pré-sal	615 milhões
	Desenvolvimento da produção — Exploração do Pré-sal	2,4 bilhões
Metrô	Expansão da linha 2 do Metrô de São Paulo	1,9 bilhão
	Expansão da linha 1 do Metrô do Rio de Janeiro	478 milhões
Recursos Hídricos	Programa Água para Todos (Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e Sergipe)	307 milhões
	Barragem Figueiredo/CE	121 milhões
	Projeto de Irrigação Santa Cruz do Apodi/RN	90 milhões
	Barragem Taquara/CE	86 milhões

Geração de Energia (Hidrelétricas)

Pécam II (CE) Suape II (PE)



Meta distante

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, bem que tentou não dar o braço a torcer. Mas, durante a apresentação do balanço de dois anos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), ele sinalizou que o governo já não acredita mais na possibilidade de o país crescer 4% em 2009, diante de todas as dificuldades enfrentadas pela economia — a produção encolheu 12,4% em dezembro e continuou em queda em janeiro. Indagado pelo Correio se ele havia abandonado a meta de 4%, respondeu: "Não abandonei. O que eu sempre disse foi que 4% não é um número fatídico. O FMI (Fundo Monetário Internacional) falou em 1,8%, alguns analistas falam em 1,5% e outros, em 2,5%. Acho que nós temos que ser ousados. Não é momento de ficar parado olhando a coisa desacelerar. Temos tomado medidas praticamente toda semana".

Mantega admitiu que o futuro da economia brasileira está atrelado ao que ocorrer no mundo. "Gostaria de ter uma bola de cristal para ver o que acontecerá", disse. A despeito da unanimidade do mercado de que o Brasil está em recessão técnica, com quedas no Produto Interno Bruto (PIB) no último trimestre de 2008 e no primeiro deste ano, o ministro refutou esse quadro. "O Brasil não está em recessão", frisou. Os analistas preveem retração de até 3% no quarto trimestre de 2008 e de até 1% nos primeiros três meses de 2009. O próprio presidente Lula admitiu a retração. Ontem, durante a posse da diretoria do Sebrae, ele alertou que o país pode ter problemas na balança comercial, devido à recessão nos Estados Unidos e na Europa e à desaceleração da China.

Em reunião no Ministério da Fazenda, o Grupo de Acompanhamento da Crise, comandado por Mantega e pelo presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, os empresários pediram redução mais rápida da taxa básica de juros (Selic) e criticaram os bancos públicos, que estariam lentos na liberação de crédito, que continua seletivo, curto e caro. (VN e ES)

correlobraziliense.com.br

Ler integral:
balanço de dois anos do PAC